

---

---

**Saúde vocal do professor: conhecimentos e informações sobre o uso da voz entre profissionais**  
**Teacher's vocal health: knowledge and information about the use of voice among professionals**

---

---

RAQUEL APARECIDA PIZOLATO<sup>1</sup>  
FÁBIO LUIZ MIALHE<sup>2</sup>  
ANTONIO CARLOS PEREIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Objetivo: realizar um estudo exploratório, a fim de obter informações sobre os conhecimentos de saúde vocal de professores de duas escolas públicas do município de Piracicaba, SP, e levantar dados para a implementação de estratégias preventivas. Métodos: a amostra foi composta por 17 professores e a coleta dos dados foi feita por meio de entrevistas. Os dados foram analisados por meio de análise estatística descritiva e apresentados em tabelas de frequência. Resultados: dentre os professores entrevistados, 16 (94,1%) eram do sexo feminino e a maioria apresentava um ou mais sintomas de problemas vocais, sendo que 11 (64,7%) relataram apresentar problemas de voz há mais de 3 anos e apenas 4 (23,5%) praticavam algum hábito de higiene vocal. Embora a grande maioria dos entrevistados já tenha tido, em algum momento, contato com fontes de conhecimentos sobre cuidados da voz, todos almejavam receber informações sobre cuidados com a voz e ações educativas mais próximas do seu local de trabalho. Conclusão: a minoria dos professores apresentava conhecimentos e informações satisfatórios relativos a hábitos saudáveis em higiene vocal. Recomenda-se o estímulo à parceria entre profissionais da saúde e da educação para promover transformações e benefícios à saúde vocal do professor.

---

<sup>1</sup>Fonoaudióloga, Doutoranda em Odontologia (Saúde Coletiva) pela Faculdade de Odontologia de Piracicaba da Universidade Estadual de Campinas – FOP/UNICAMP, Mestre em Odontologia (Fisiologia Oral) pela FOP-UNICAMP – Av. Limeira 901, Bairro Areião, Cep 13414-903, Piracicaba-SP, e-mail: raquelpiz@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Professor Doutor do Departamento de Odontologia Social da FOP/UNICAMP.

**Palavras-chave:** Voz. Docentes. Distúrbios da Voz. Educação em Saúde.

**ABSTRACT:** Purpose: to accomplish an exploratory study, in order to obtain information of teacher's vocal health of two public schools in Piracicaba, SP, Brazil, and to collect data for the implementation of preventive strategies. Methods: the sample was composed by 17 teachers and the data was collected through interviews. The data were analyzed through descriptive statistical analysis and presented in the form of tables of frequency. Results: among the 17 interviewed teachers, 16 (94.1%) were female and the most of them presented one or more symptoms of vocal problems and 11 (64.7%) reported had had voice alterations in a period larger than 3 years. Only 4 (23.5%) of them practiced some habits of vocal hygiene habits such as ingest water while teaching. Although most of the interviewees have already had, in some moment, contact with sources of knowledge on cares with the voice, all of them would like to receive information about cares with the voice and educational activities closer to their work place. Conclusion: the minority of the teachers showed adequate knowledge and information about healthy vocal hygiene habits. It is recommended the partnership among professionals of the health and education to promote transformations and benefits to the teacher's vocal health.

**Key-words:** Voice. Faculty. Voice Disorders. Health Education.

## INTRODUÇÃO

A voz é um importante componente nas interações humanas, visto que, por meio dela, o homem consegue expressar suas idéias e desejos Simões e Latorre (2002). Em algumas profissões, o uso da voz se torna vital para uma efetiva comunicação na viabilização do trabalho, aparecendo como fator preponderante na expressão de significados e enriquecimento do discurso. Esse é o caso dos professores, que utilizam diariamente a voz como recurso de comunicação para exercer suas atividades educativas Araújo et al. (2008). Entretanto, apesar de fundamental para o exercício de sua prática, estudos têm verificado que as condições de uso vocal por estes profissionais são em grande parte inadequada, como, por exemplo, o esforço vocal excessivo e a utilização da voz por um longo período de tempo, sem intervalos para descanso da mesma (SCALCO; PIMENTEL; PILZ, 1996; GONÇALVES; PENTEADO; SILVÉRIO, 2005).

Desta forma, percebe-se que os professores estão expostos a um maior risco de apresentar problemas vocais, devido à alta demanda vocal da profissão e à falta de conhecimentos sobre os cuidados com a voz, fato verificado em vários estudos (CARELLI; NAKAO, 2002; FERREIRA ET AL., 2003; FUESS; LORENZ, 2003; SCHWARZS; CIELO, 2005; PENTEADO; ROSSI, 2006). Em um estudo epidemiológico realizado em 747 professoras da rede municipal de Vitória da Conquista (BA) o uso intensivo da voz foi referido por 91,7% das participantes e as alterações vocais mais citadas foram o cansaço ao falar (69,1%) e a sensação da voz rouca ou fraca após o dia de trabalho (67,9%). A prevalência de rouquidão nos últimos seis meses foi elevada, atingindo 59,2% dos entrevistados (ARAÚJO et al., 2008). A presença de alteração vocal também foi encontrada em um estudo observacional transversal realizado em 108 educadoras de creche da rede municipal na cidade de São Paulo, 74 participantes (79,6%) referiram apresentar sintomas vocais de rouquidão (54,1%), cansaço vocal (51,4%) e perda de voz (18,9%) e tais sintomas estavam associados ao uso excessivo ou inadequado da voz, presença de poeira, ruído interno no ambiente e pouca hidratação durante o uso profissional da voz (SIMÕES; LATORRE, 2006). Em estudo randomizado e longitudinal realizado em professores na cidade de Turku (Finlândia), a perda da voz, rouquidão e dor na região da laringe foram os sintomas de maior prevalência e a incidência desses problemas aumentou após 12 anos (SIMBERG et al., 2005). Em geral, as alterações na qualidade vocal ocorrem de forma lenta e gradual, sendo a fadiga vocal um dos primeiros sintomas indicativos de mau uso e/ou abuso vocal (GUIMARÃES, 2004).

A saúde vocal e a prevenção de alterações e doenças laringeas por mau uso vocal podem ser favorecidas por procedimentos básicos de higiene vocal. Estudos demonstraram que o conhecimento e a incorporação de normas básicas de higiene vocal minimizam os efeitos abusivos provocados pela inadequada utilização da voz (AYDOS; MOTTA; TEIXEIRA, 2000). Portanto, visto a grande incidência de problemas vocais em professores, há uma grande necessidade de se intensificar programas de caráter preventivo para promover a saúde vocal no ambiente escolar, estimular o professor a conhecer melhor o seu comportamento vocal, esclarecer dúvidas e mitos quanto ao uso vocal e inserir conhecimentos básicos sobre a voz seriam medidas preventivas importantes.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi realizar um estudo exploratório, a fim de obter informações sobre os conhecimentos de saúde vocal de professores de duas escolas públicas do município de Piracicaba, SP, e levantar dados para a implementação de estratégias preventivas.

## MÉTODOS

Foi realizado um estudo transversal descritivo em que participaram 17 professores de ambos os sexos, que lecionavam matérias em sala de aula ou em ambiente externo, como educação física e que pertenciam a duas escolas estaduais do município de Piracicaba SP, uma de ensino médio e outra de ensino fundamental. Na primeira, participaram 13 professores do total de 26, ou seja, 50,0% dos docentes ativos na escola. Na outra escola, participaram 04 professores de um total de 15, representando 26,7% da população de docentes da escola. A amostra foi de conveniência, ou seja, composta por aqueles profissionais que aceitaram participar da pesquisa. Após um contato inicial com a direção e coordenação pedagógica de cada escola, foi solicitado um horário para reunião com os professores e aplicação do questionário. Em uma das escolas a reunião ocorreu no horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) e na outra escola no horário de intervalo de aulas dos alunos. Os professores foram convidados a participar da entrevista e a coleta foi agendada individualmente para cada voluntário em horários específicos em que o professor estivesse na escola fora da atividade de aula.

Os professores participantes foram entrevistados pela pesquisadora, a qual utilizou um protocolo adaptado de Scalco et al. (1996) (Figura 1), com dados referentes à identificação pessoal, níveis e turno em que lecionavam, carga horária, comportamento vocal, principal queixa em relação à sua voz, conhecimentos sobre a voz, hábitos prejudiciais e benéficos, qualidade de vida em relação ao trabalho, condições de trabalho (número de alunos por turma, presença de ruídos externos e internos que poderiam estar interferindo no desenvolvimento das aulas), utilização de algum recurso para melhorar a voz, interesse em receber informações sobre cuidados da voz e o que achavam do papel da voz para exercer a função de professor.

O estudo foi inicialmente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (UNICAMP), sob protocolo nº 196/2006 e a coleta de dados foi realizada após a autorização esclarecida do voluntário.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e apresentados em tabelas de frequência.

## RESULTADOS

Dentre os sujeitos entrevistados, 17 (eram do sexo feminino e 1 (2,2%) do masculino, sendo a média de idade da amostra de 44,1 anos (30 a 54 anos).

Em relação ao tempo de magistério, a maioria dos professores, ou seja, 13 entrevistados (76,4) apresentavam entre 11 a 15 anos de exercício profissional e 4 (23,5%) de 16 a 20 anos. Quanto à carga de trabalho, 15 (88,2) relataram lecionar aulas durante 07 horas diárias e 2 (11,7%) lecionavam 4 horas/dia, com jornada semanal. Todos os entrevistados relataram lecionar para turmas com mais de 30 alunos.

Em relação às condições de trabalho 9 (52,9%) professores atestaram que havia muito ruído externo (considerando a posição da classe no prédio da escola, pátio, rua, conversa nos corredores, entre outros). Quanto ao ruído interno 14 (82,3%) relataram haver muito ruído na sala de aula, principalmente conversas dos alunos e 5 (29,4%) relataram interferência de ruído externo na atividade de lecionar. Todos atestaram trabalhar em ambiente sem ar-condicionado. Quanto ao contato com a poeira emitida pelo giz, 13 (76,4%) relataram apagar o quadro de giz e a mesma proporção citou que escreviam no quadro enquanto falavam.

Da amostra, 16 (94,1%) professores tinham um ou mais sintomas de disfonia, sendo que, desses, 14 (82,3%) apresentavam uma carga horária diária de trabalho de 07 horas. Dos entrevistados que citaram mudanças na sua voz e o tempo de início dos sintomas, observou-se que 11 (64,7%) relataram apresentar alterações na voz a mais de 3 anos e apenas 5 (29,4%) procuraram algum profissional (otorrinolaringologista e/ou fonoaudiólogo) para o tratamento do problema manifestado, apenas uma teve intervenção terapêutica fonoaudiológica.

Durante a entrevista, todos os participantes relataram que a voz é um importante instrumento de trabalho para a profissão docente e demonstraram interesse e necessidade de aprender mais sobre seu instrumento de trabalho: a voz.

Do total de 17 professores entrevistados, 15 (88,2%) apresentaram sintomas de rouquidão, enquanto 9 (52,9%) já haviam apresentado quadro de afonia, ou seja, episódios de perda de voz temporária (Tabela 1).

Dentre estes 11 (64,7%) tinham sintomas de disfonias há mais de 3 anos (Tabela 2).

Em relação à prática de hábitos saudáveis e deletérios à saúde vocal, apenas 4 (23,5%) tinham o hábito de ingerir água enquanto lecionava e mais da metade (52,9%, n=9) apresentava algum tipo de hábito prejudicial à voz, como ingerir bebidas geladas diariamente, conforme visualizado na Tabela 3.

Em relação à utilização de algum recurso para ajudar a voz na atividade de lecionar aulas, 5 (29,4%) não faziam uso de nenhuma medida para auxiliar a voz, enquanto apenas 4 (23,5%) tinham o hábito de ingerir água enquanto lecionava, uma minoria praticava outros hábitos que podem contribuir para o favorecimento da voz como utilizar um apito 1 (5,8%), falar em intensidade baixa 3 (17,6%), sendo que, a maioria, utilizava recursos considerados não eficientes para os cuidados da voz, como mascar gengibre 2 (11,7%), chupar drops 2 (11,7%), entre outras medidas, como observado na Tabela 4.

Em relação às fontes de conhecimentos em que os entrevistados já tiveram contato sobre informações relacionadas à voz, foram diversas como pode ser observado na Tabela 5.

Tabela 1. Frequência de alterações vocais relatadas pelos professores.

Queixas	N (17)	(%)
Tosse	4	23,5
Sensação de corpo Estranho na Garganta	5	29,4
Cansaço vocal	6	35,2
Pigarro	7	41,1
Dor na garganta	7	41,1
Ardência	8	47,0
Episódios de Perda de Voz	9	52,9
Rouquidão	15	88,2
Nenhuma	1	5,8

Tabela 2. Início da presença de alterações vocais.

Tempo	N (17)	(%)
Mais de 1 mês	0	0
Nenhum	2	11,7
Mais de 6 meses	4	23,5
Mais de 3 anos	11	64,7

Tabela 3. Frequência de professores que apresentam hábitos saudáveis e deletérios à saúde vocal.

Hábitos	N	(%)
Etilista	0	0
Tabagismo	1	5,8
Ingerir água enquanto leciona	4	23,5
Café	5	29,4
Ingerir até 4 copos de água	6	35,2
Ingerir de 4 a 8 copos de água	7	41,1
Ingerir mais de 8 copos	7	41,1
Pigarrear	7	41,1
Bebidas geladas diariamente	9	52,9

Tabela 4. Frequência de utilização de recursos para ajudar a voz na atividade de lecionar aulas.

Recursos	N(17)	(%)
Utiliza apito para chamar a atenção dos alunos em vez de gritar	1	5,8
Faz algum som na carteira para chamar a atenção dos alunos	1	5,8
Morder a ponta da língua para aumentar a salivação	1	5,8
Mascar gengibre	2	11,7
Chupar halls (drops)	2	11,7
Tomar água	4	23,5
Falar em intensidade baixa	3	17,6
Nenhum	6	35,2

Tabela 5. Conhecimentos sobre cuidados da voz e quais são as fontes de conhecimentos.

Conhecimentos sobre cuidados da voz	N (17)	(%)
TV	1	5,8
Fonoaudiólogo	5	29,4
Livros e/ou revistas	5	29,4
Otorrinolaringologista	5	29,4
Palestra e outros meios	5	29,4

## DISCUSSÃO

Verificou-se que houve a participação predominante de mulheres, visto que, nas duas escolas avaliadas o profissional do sexo feminino era o mais freqüente. Esse fato corrobora com os achados de outros pesquisadores (FUSS; LORENZ, 2003; SCHWARZS; CIELO, 2005; FERREIRA; BENEDETTI, 2007) que também encontraram uma predominância de profissionais do sexo feminino neste tipo de população.

Essa característica profissional é importante, pois dados da literatura sugerem que a mulher pode apresentar maior predisposição para a disfonia em comparação ao homem, devido às características anátomo-fisiológicas e, quando há presença de esforço vocal intenso, problemas laríngeos podem ocorrer, levando à manifestação de disfônias orgânico-funcionais (PENTEADO et al., 2005).

A carga horária, o tempo de magistério e a quantidade de ruídos no local de trabalho podem ser fatores de risco para a manifestação de disfônias. Observou-se que todos os participantes ministravam aulas para 30 ou mais alunos por sala, corroborando com os achados em outros estudos (GARCIA, 2000; SILVA, 1999; PENTEADO; PEREIRA, 2007) em que os docentes queixavam-se do excesso de alunos, da acústica das salas e os poucos recursos para um bom desenvolvimento de sua aula. É importante ressaltar que o número de alunos por turma, quando associado a ruído interno, exige um esforço vocal maior pelo docente para ministrar as aulas. As queixas de alterações vocais investigadas (Tabela 1) podem estar associadas ao hábito vocal inadequado de fazer força para falar quando na presença de ruído interno ou falar enquanto escreve no quadro, tarefas em que o professor perde a auto-percepção de estar excedendo no abuso vocal. No presente estudo a maior parte dos professores entrevistados atestaram realizar os hábitos supracitados, estes achados são coincidentes com outros estudos (Penteado, 2007; Grillo e Penteado, 2005) que relacionaram presença de alterações vocais e o uso intensivo da voz entre os professores, como o hábito de gritar e falar em intensidade elevada durante a atividade de lecionar.

Várias pesquisas têm relacionado a presença de disfônias com o tempo de exercício da profissão e carga horária (CARELLI; NAKAO, 2003; FUESS; LORENZ, 2003; SCHWARZS; CIELO, 2005) embora haja controvérsias se estes fatores são agravantes na presença de alterações vocais destes profissionais, pois outros autores (BRUNETTO et al., 1986; ANDRADE, 1994) não encontraram essa associação. No presente estudo, a maior parte dos professores referiram lecionar aulas entre 11 a 15 anos por tempo de carreira, sugere-se que as queixa vocais relatadas podem estar relacionadas com o tempo de magistério. Além disso, o desgaste físico e emocional que a profissão ocasiona nos professores no transcorrer dos anos pode ser um fator de risco para a manifestação das disfônias (THOMAS et al., 2006), levando a presença de rouquidão e episódios de perda de voz e afastamentos do trabalho por problemas vocais (GRILLO; PENTEADO, 2005). Um estudo

comparativo realizado por Silvério et al. (2008) sobre alterações vocais e associação com fatores de risco, foi observado que o tempo de trabalho, a sobrecarga de trabalho e a presença de estresse tiveram influência negativa sobre as vozes dos professores.

A carga horária média de trabalho descrita pela maioria dos professores foi de 7 horas/dia, corroborando com os dados de outro estudo realizado em professores de ensino fundamental por Grillo e Penteado (2005), embora os autores do estudo citado não encontraram correlação significativa entre carga horária e presença de disfonia. A associação de tempo de uso da voz e problemas vocais pode variar para cada sujeito dependendo de sua labilidade individual, podendo ou não ocasionar uma disfonia (SCHWARZS; CIELO, 2005). No presente estudo, entretanto, a maioria dos indivíduos apresentava um ou mais sintomas de disfonia, sendo que apenas um entrevistado com carga horária de trabalho de 7 horas não apresentava sintomas de disfonia, sugere-se que os problemas vocais podem variar de indivíduo para indivíduo e depende da predisposição física e a presença da associação de fatores de riscos para a disfonia, podendo a carga horária e o tempo de uso da voz ser um fator contribuinte.

Ao comparar a ocorrência dos diferentes hábitos investigados foi observado que a maioria dos sujeitos não fumava, fato este considerado positivo para contribuir na qualidade da voz, porém, o hábito de beber água enquanto lecionava teve uma baixa frequência entre os participantes, assim com sua quantidade. Nas questões referentes aos aspectos de higiene vocal, foi constatado que mais da metade dos entrevistados relataram ingerir bebidas geladas diariamente, o que é considerado um hábito prejudicial para a saúde da voz, enquanto que apenas uma pequena parte dos entrevistados tinha o hábito benéfico de ingerir água enquanto lecionavam, o qual variava entre 4 a 8 copos, porém, esta ingestão ocorria em situações isoladas da prática de lecionar. A falta de hábito de ingerir água enquanto leciona constatada em grande parte da amostra dos entrevistados pode ser um fator contribuinte para o surgimento e o agravamento de sintomas vocais devido ao uso constante da voz na atividade profissional, levando ao atrito das pregas vocais e à desidratação do aparelho fonador (GUIMARÃES, 2004). O valor benéfico da hidratação da água do organismo sobre a voz durante a atividade de lecionar foi observado em estudo com docentes universitários, mostrando que a ingestão constante de água em pequenas porções durante a atividade

de lecionar diminuiu a presença de sintomas vocais negativos na amostra estudada (BRASALOTTO; FABIANO, 2000).

Com relação ao tempo das queixas vocais (Tabela 2), os achados mostraram que embora os professores tivessem queixas vocais de longa duração, a busca por orientação ou atendimento especializado não foi uma conduta comum, corroborando os achados de outro estudo que também mostrou a falta pela busca de tratamento precoce pelos professores, a fim de solucionar o problema de voz manifestado (PENTEADO; PEREIRA, 2007), de modo que o diagnóstico acaba ocorrendo tardiamente. É importante salientar que o diagnóstico tardio nestes profissionais pode levar ao agravamento da disfonia e ao aumento do risco de afastamento do trabalho (FORTES et al., 2007).

Os achados demonstraram que apesar de todos os entrevistados já tivessem tido algum contato com fontes de informação sobre cuidados da voz (Tabela 5), apenas uma minoria dos entrevistados receberam orientação de fonoaudiólogos por meio de ações educativas como palestra, o que mostra a necessidade e a importância de atuação de trabalhos fonoaudiológicos de caráter preventivos na rede de ensino aos professores.

Quanto à prática de hábitos de higiene vocal, constatou-se que uma grande maioria não tinha conhecimentos sobre hábitos de higiene vocal e poucos tinham o hábito de ingerir água enquanto lecionava, contrário aos achados de Silvério et al. (2000) em que constataram que a maioria dos professores da amostra tinham o hábito de ingerir água durante as aulas, apesar de não conhecer a importância deste hábito para a saúde vocal. No presente estudo, os entrevistados relataram utilizar outros recursos como estratégias para melhorar a voz enquanto lecionavam, a maioria considerada não eficaz (Tabela 4), embora, algumas estratégias citadas pelos entrevistados como, falar em intensidade baixa e utilizar o apito para chamar atenção dos alunos, ainda que sejam adequadas, teriam um melhor efeito positivo sobre a voz do docente com a prática de hábitos de higiene vocal.

Durante a entrevista os participantes mostraram grande interesse e necessidade de aprender mais sobre o uso da voz. Esse fato também foi observado em outros estudos (ZENARI-SIMÕES; LATORRE, 2008; PENTEADO et al., 2005; SILVÉRIO et al., 2008), nos quais docentes entrevistados atestaram que gostariam de aprender mais sobre os cuidados com a voz, considerando que o interesse das pessoas deveria ser um fator primordial para o incentivo às ações preventivas de saúde vocal.

Dessa forma, percebe-se o quanto mudanças significativas e amplas na questão de hábitos sadios sobre cuidados da voz a ser incorporado por professores depende de atuações fonoaudiológicas na escola. Embora a grande maioria dos entrevistados citarem já terem tido, em algum momento, contato com fontes de conhecimentos sobre cuidados da voz, todos almejavam receber informações sobre cuidados com a voz e ações educativas mais próximas do seu local de trabalho.

## CONCLUSÃO

Verificou-se que, dentre os professores entrevistados, poucos apresentavam conhecimentos e informações satisfatórios relativos a hábitos saudáveis em higiene vocal, utilizando ainda de recursos pouco eficazes para a melhoria da qualidade da voz. Nesse sentido, recomenda-se o estímulo à parceria entre profissionais da saúde e da educação para promover transformações e benefícios à saúde vocal do professor, melhorando sua qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E.C. Pesquisa de alterações vocais em professores de 1ª a 4ª série da rede municipal de ensino de Belo Horizonte (RMEH); dados, estimativas e correlações. **Rev Fonoaudiol**, v.1, p.24-9, 1994.
- ARAÚJO, T.M. et al. Fatores associados a alterações vocais em professoras. **Cad Saúde Pública**, v.24, n.6, p.1229-38, 2008.
- AYDOS, R.B.S.; MOTTA, L.; TEIXEIRA, S.B. Eficácia da hidratação na redução de queixas vocais de professores. **J Bras Fonoaudiol**, v.2, p.10-5, 2000.
- BRASALOTTO, A.; FABIANO, S. O efeito da hidratação na voz de um grupo de professores universitários. **Pró-Fono**, v.12, n.1, p.Tab, 2000.
- BRUNETO, B. et al. Mitos y realidades de la disfonía profesional. **Rev Otorrinolaringol Cir Cabeza Cuello**, v.46, p.115-20, 1986.
- CARELLI, E.G.; NAKAO, M. Educação vocal na formação docente. **Rev Fono Atual**, v.5, n.22, p.40-52, 2002.
- FERREIRA, L.P.; BENEDETTI, P.H. Condições de produção vocal de professores de deficientes auditivos. **Rev Cefac**, v.9, n.1, p.79-89, 2007.
- FERREIRA, L.P. et al. Condições de produção de saúde vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. **Dist Comum**, v.14, n.2, p.275-307, 2003.
- FORTES, F.S.G. et al. Perfil dos profissionais da voz com queixas vocais atendidos em um centro terciário de saúde. **Rev Bras Otorrinolaringol**, v.73, n.1, p.27-31, 2007.
- FUESS, V.L.R.; LORENZ, M.C. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. **Rev Bras Otorrinolaringol**, v.69, n.6, p.807-11, 2003.
- GARCIA, A.A. Fatores associados aos desvios de conduta vocal em professores. **Rev Fono Atual**, v.3, n.13, p.37-41, 2000.

- GONÇALVES, C.G.O.; PENTEADO, R.Z.; SILVÉRIO, K.C.A. Fonoaudiologia e saúde do trabalhador: a questão da saúde vocal do professor. **Saúde Rev**, v.7, n.15, p.45-51, 2005.
- GRILLO, M.H.M.M.; PENTEADO, R.Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professores(as) do ensino fundamental. **Pró-Fono**, v.17, n.3, p.321-30, 2005.
- GUIMARÃES, I. Os problemas de voz nos professores: prevalência, causas, efeitos e formas de prevenção. **Rev Port Saúde Pública**, v.22, n.2, p.33-41, 2004.
- PENTEADO, R.Z. et al. Saúde Vocal: pensando a ação educativa nos grupos de vivência de voz. **Saúde Rev**, v.7, n.16, p.55-61, 2005.
- PENTEADO, R.Z.; PEREIRA, I.M.T.B. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. **Rev Saúde Pública**, v.41, n.2, p.236-43, 2007.
- PENTEADO, R.Z.; ROSSI, D. Vivência de voz e percepções de professores sobre saúde vocal e trabalho. **Saúde Rev**, v.8, n.18, p.39-48, 2006.
- PENTEADO, R.Z. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**, v.12, n.1, p.18-22, 2007.
- SCALCO, M.A.G.; PIMENTEL, R.M.; PILZ, W. A saúde vocal do professor: levantamento junto a escolas particulares de porto alegre. **Pró-Fono**, v.8, n.2, p.25-30, 1996.
- SCHWARZS, K.; CIELO, C.A. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**, v.10, n.2, p.83-90, 2005.
- SILVA, M.A.A. Voz profissional: novas perspectivas de atuação. **Dist Comum**, v.10, n.2, p.177-92, 1999.
- SILVÉRIO, K.C.A. et al. Ações em saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores. **Pró-Fono**, v.20, n. 3, p.177-82, 2008.
- SIMBERG, S. et al. Changes in the prevalence of vocal symptoms among teachers during a twelve-year period. **J Voice**, v.9, n.1, p.95-102, 2005.
- SIMÕES, M.; LATORRE, M.R.D.O. Alteração vocal em professores: uma revisão. **J Bras Fonoaudiol**, v.3, n.11, p.123-34, 2002.
- SIMÕES, M.; LATORRE, M.R.D.O. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a auto-percepção. **Rev Saúde Pública**, v.40, n.6, p.1013-8, 2006.
- THOMAS, G. et al. A comparative study of voice complaints and risk factors for voice complaints in female student teachers and practicing teachers early in their career. **Phoniatrics**, v.263, p.370-80, 2006.
- ZENARI-SIMÕES, M.; LATORRE, M.R.D.O. Mudanças em comportamentos relacionados com o uso da voz após intervenção fonoaudiológica junto a educadoras de creche. **Pro-Fono**, v.20, n.1, p.61-6, 2008.

Enviado em: fevereiro de 2009.

Revisado e Aceito: março de 2009.